



**O UVIDOR**  
**FOLHA**  
**JOCO-SERIA-ILLUSTRADA**  
**PUBLICA**  
**REVISTAS. CARICATURAS. RETRATOS. MODAS.**  
**VISTAS. MUZICAS. ETC ETC**  
**ASSIGNA - SE**  
**RUA DO OUVIDOR**  
**59**  
**SOBRADE**  
**PREÇOS.**

CONTE	PROVINCIAS
Um mez . . . . .	20000
Trimestre . . . . .	50000
Semestre . . . . .	100000
Anno . . . . .	200000
Semestre . . . . .	110000
Anno . . . . .	210000
Avulso . . . . .	500

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

## AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amédée Achard.

## Primeira parte

(Continuação.)

## CAPITULO VII

COM LADÉO, LADRIO E MEIO.

Dous dias depois d'esta expedição, o Sr. do Charnilhac participou ao conde Godofredo que um negocio improvável o obrigava a passar o dia seguinte longe do Grande Fortal e acorreu:

— Se consente, partirei esta noite; o Sr. De La Guerche fará por mim as horas do castello, durante minha ausência.

— Não se incomode, Sr. conde; eu também tenho de partir breve, disse Godofredo.

A noitinha, luces brilhavam na janelha do fidalgo alaudino.

«Ah! é então amanhã!» pensou Armando, que calava de alegria nos arredores.

Desde que o capitão Jacobus fôra para essa do Chaufontaine, Carquefou não arredava mais pé da Grande Fortale, para estar sempre pronto para prevenir a tempo Reinaldo. Na estrebaria havia, noite e dia, um cavalo ensilhado.

— Corro à toda a brida, e que Reinaldo aqui esteja ao alcance! disse-lhe Armando.

Carquefou montou a cavalo e partiu a todo galope, murmurando entre dentes:

— Todas estas ameaças darão cabo de mim!

Desde o dia em que Pappenheim combinou seu plano de ataque com Jacobus começava a mostrase ainda mais galanteador com Adriana, e a prodigalizar dinheiro e criadagem. Tal magnificência fazia passar os lacaços.

Mas, se por um lado o conde Godofredo procurava insinuar-se no entusia de gente do serviço, por outro lado Armando e Reinaldo também não perdião seu tempo. Este arrengava aos católicos; aquele reunia em torno de si seus fiéis huguenotes. Os dous jovens chefes conservavam ainda todo o antigo prestígio, que tinham alcançado sobre suas cohortes, e tão eloquentes e mestres, que atreviam a enganar em todos aquê-

los dedicados corações. Escolherão entre elles os mais resolutos, derão-lhe armas e disserão-lhes que não medir-se com um alento, que queria dominar em França. Ouvindo tæs palavras todos aqueles filhos de Gauleses, habituados à luta desde a mais tenra mocidade, soltarão terríveis imprecações.

— Talvez corra sangue! Os que tem medo retirem-se! disse Reinaldo.

Conservarão-se todos firmes.

O Sr. de Charnilhac partiu á noite como havia dito. Armando foi ao encontro do sua prima e lhe disse:

— Se tens confiança em mim, Adriana, acompanhame.

— Virgem Santa! esterá ardendo o castello? perguntou aterrada a aia da Sra. de Souvigny.

— Ainda não; mas talvez esteja em chamas dentro de uma hora. Não percebemos tempo!

Adriana sem proferir palavras, acompanhou seu primo, tal era a confiança que nello depositava. Armando conduziu-a para um torreão, cuja passada porta se achava defendida por quatro homens armados de arcabuzes e espadas!

— Ninguém entrará aqui sem passar por cima do vosso cadáveres! disse Armando.

— Ninguém! respondeu um que parecia ser chefe do grupo.

Começou a alvorecer. Armando sabia do castello. Um ruído surdo, como de passos longínquos, quebrava o silêncio da noite, e logo começaram a surgir, aqui, acolá, alguns bandos de homens na orla do bosque. À frente d'elles vinha Reinaldo. Armando contou-os; eram mais de cem.

Nos olhos do impavido Chaufontaine brillava o contentamento.

— Estão afinadas as rebeças? Quando começamos o baile? perguntou elle a De La Guerche.

— D'aqui a pouco, respondeu Armando, que começava a ouvir um vago rumor, do lado das estrebarias onde pernoitava os cavaleiros do fidalgo alemão.

— *Ora pro nobis!* murmurou Carquefou afiadão uma larga espada na manga do seu jaleco.

Armando dispôz seu pequeno exército, como melhor lhe parecesse. Ninguém podia apparecer nos patões, nem sair do castello sem sofrer o fogo do cincuenta mosquetes. Um yello general não teria obrado com mais acerto.

(Continua na pagina 95)



**Eldorado**

LE CHANT APPLIQUÉ À LA GYMNASTIQUE

— Continuez, belle Arsène ! Vous nous faites égayerement du plaisir !!!...

## A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 22 de Fevereiro de 1894.

Ouvirão falar da comezana política que houve em casa de Caceller?

Dizem, p'ra boca pequena, que mais de um convívio saíio atacado de gravíssima indigestão. Não admira! Abarrarotarão-se de elogios, e sempre ouvi dizer que tal iguaria era sobremaneira prazada.

*Mas.... politiqu' oblige!* Era preciso provar a falmil brasileira que a oposição contra os actuais ministros eraiva forças, e não se pôde crear forças sen' comer muito.

Eis a origem do primeiro banquete político. Os outros virão proximamente.

*Multi sunt vocati, punc verū electi*, disse o Evangelho, e foi o que, a meu ver, aconteceu na tal reunião-político-maxillar, porque não creio que a decentada opinião se resuma nos poucos garfes que a elia concorrendo.

Qual seria, porém, a razão pela qual os outros membros do partido infuso ao ministerio representariam o papel de rato de botica? Mysterio!...

O que é verdade é que mais vale a qualidade do que a quantidão, e para prova basta dizer que os vint' que comparecerão, discursando mais do que duzentos algarismos, tantos brindes fizerão que dous numeros do *Correio Mercantil* forão apensas campo suficiente para resumil-los...

Fellou-se muito em: desinteresse, carenteza do principios, abnegação até o martyrio, consciencia imaculada.... que sei eu! E no meio de toda aquela turifícacia reciproca, ninguém riu, nem davia ris sob pena de confundir-se com os que não comera.

Todas as pessoas, que tiverão coragem bastante para ler, *capitulo tenus*, os dois estralhos resumos do *Correio Mercantil*, virão que os brindes feitos, não forão senão um — toma-lá, dá-cá — encantamento, composto de frases campanudas e vassas. E não podem ser mais do que isso os discursos proferidos n'uma comezana.

Quando o estomago está repleto, o espírito perde sua lucidez, a língua sua flexibilidade; o orador gagueja, e se exprime com dificuldade; o ouvinte boceja e não comprehende.

E' a febre da digestão que comeza.

Para arrancar os empasinhados convivas do sunvo amplo do entretêimento gastronomico, é mister que alguém, que tenha comido menos, possa levantar-se e tocar rebato com cinco ou seis d'esses pensamento, já

selinhos, mas que sempre elecrisão tanto, como: pre-cisámos cerrar fileiras! estamos sobre um vulcão! já não ha voto livre! abaixo o filhotiano!... guerra de morto ao governo! etc., etc., etc.

Então despertão todos, aplaudam com frenesi o orador.... e adormecem do novo, até que meia hora depois outra alguém, que também tenha comido menos, possa igualmente levantar-se e dar o signal de alarm com outras cinco ou seis frases já bolorrentas, mas todas proprias para atacar o entusiasmo.

Ver um, é ver todos os banquetes politicos. Têm sempre a mesma razão de ser; produzem sempre o mesmo resultado.

A razão de ser é: fazer acreditar nas províncias que o ministerio está em crise.

O resultado é.... dar algum lucro a quem fornece o jantar.

\* \* \*

A grande procura que tem tido os sete primeiros numeros de *Vida Fluminense* obriga-nos a reimprimi-los. Infelizmente a reimpressão, se bem que feita em grande escala, não podia satisfazer todos os pedidos que nos foram dirigidos.

Hoje que algumas pedras que continhão os desenhos, já não existem, não servam despedidas.

Em quanto não ficarem promptas não podemos aceitar assinaturas senão do mês de Fevereiro em diante.

\* \* \*

Tenho ocegas de perguntar a Illustíssima Câmara Municipal da Corte o que é uma Praça do Mercado.

Pensava, e comigo Moraes, Constancio e Bouillet, que as pracas do Mercado erão lugares onde se vendião generos alimenticos.

Pois não foste?

Deem um passo até o largo do Paço e verão que depois longo do triste quadrilatero se acha ocupado por mercadores de panelas e de porcelanas.

A menos que, por carente e carente de comestiveis, não haja por ahi quem coma eacos de alguidares!...

\* \* \*

Já que fallo no municipalidado da corte, aproveito o ensejo para perguntar á du Nietheroy quando restabelece a numeracão das casas.

Hi quinze dias ouviu um Miguel Angelo, subsidiado por ella, de broxa em punho apagando os numeros de todos os predios.

E ficou nisso!

Compreende-se facilmente quantos incomodos tem soffrido os miserios nyetherynos diariamente

Por causa de um tal estado do cousas. Mas os odis tem tanto que fazer !

•

A propósito de numeração de casos :

Encontrer-se douz amigos na estação da Barca Fer-  
ry. Morava um na corte, o outro em Netheröhy.

O da corte, ao entrar na barca, disse :

— Tenho de dar umas voltas em S. Domingos; irei depois jantar contigo. Consentes ?

— Ainda perguntas ?

— A que horas costumas jantar ?

— Não tenho hora certa. Isso é lá com a senhora. Ela é quem se encarrega d'isso.

— Também eu ando com fastio; posso portanto es-  
perar. Onde moras ?

— N'uma rua que vai ter à praia; creio que é S. Car-  
los ou Glória, não estou bem certo.

— E o numero ?

— Ah; não tem numero.... mas você perguntando  
de frente.... sabe logo.

•

Disse-me que estava escripturada no Gymnasio a Sra. Adelaisde Amaral, a melhor artista dramática que pisa o palco brasileiro.

Acordiei; e vejo, porém, agora que foi notícia de meia noite.

A actriz Adelaisde, que faz hoje parte da companhia do Gymnasio, é outra. A Sra. Adelaisde Amaral tende, como tem, consciencia do que vale, não se sujaria a figurar no segundo plano de um theatro em que a Sra. Ismenia faz praça de primeira dama em *tout genre*.

Ha uma cousa que se chama amor proprio....

### Diabururas

Hermann está no Rio de Janeiro.

Pets : dirá o leitor.

Pois nunca falhei tão serio.

Pouco me importa que os jornais não anunciassem a sua chegada; que o Dr. Semana não lembrasse do novo ao governo a necessidade urgente de condecorar o ilustre prestimano; que a vinda do poloniquero não causasse benéfica influencia sobre a cotação do cambio; tudo isso são razões futeis e seu alcance, a que responderei com provas, incontesteáveis.

Sendoo... vejam.

Na semana, que lá vai, apareceu no *rez de chaus-  
sée* do *Diário do Rio* um folhetim d'estilo elegante,  
rico de idéas posticas, mas, força é dizer-o, pouco con-

sideriosas nas apreciações musicais. O autor, moyo aliás muito inteligente, querendo talvez mostrar que o impossível não existe, encarregou-se de provar ao mesmo tempo que a citação latina : *Aec omnes omnia possumus tem certo cunho de verdade, quo resistit... mesmo á ação dos seculos*. Seja como for as idéas expoundidas sobre musica não erão convincentes, ao menos para mim.

A par de muito cousa bonita estabeleci-se entre o merito de Daurau e da Delmary certas comparações, que elevavão a primeira no apogeo da gloria, precipitando a segunda no abysmo insondável das nullidades artísticas.

Saguiu-se o que necessariamente devia seguir-se: os admiradores do M<sup>me</sup> Delmary morderão na isca, e jurarão que não a largarião, sem que a afronta feita ao seu ídolo fosse atrozmente punida.

Começarão então a correr pela cidade rumores ter-  
ríveis de tempestade thestral !

As boas de baléas e fogo do artifício da rua das Vio-  
las porcerão *in continentem* nas vidraças toda a metralha fulminante destinada a estas cousas: a polícia seu ordens as mais severas nos inspettores dos theatros: e até a praça, essa tranquilla mão do comércio nacional e estrangeiro, nomeou uma commissão composta de al-  
guns dos seus mais rubicundos e alodrindados mem-  
bros para tomar conhecimento dos factos e redigir de-  
pois campanhão relatorio em portuguez mascavado.

Tomadas estas providencias, que, som o auxilio ines-  
perado do Hermann, do pouco terão servido, é forza  
descrever o aspecto do theatro da rua d'Ajuda no aquele  
da projectada pataeda.

Avultarão os grupos, disseminados nos espaçosos jardins e no *café* do Lisboa.

A plateada ocupava a atenção geral. Não se falaria de outra cousa.

Qual ! dizia um : não fazem nada. O subdelegado  
não é para graças, e já por ahí espalhou um punhado de urbanos promptos a levar para o zadrés aquele  
que ousar levantar um pé ou alifar um estalo.

« Não sei, meu amigo, não sei... » dizia outro : *Hoje  
às 7 horas da manhã o Labrum foi despertado dos  
seus sonhos dourados por possos encarregada de  
comprar com bilhetes de galeria. Afirmava-se que nas  
lojas das vidraçeiros não ficou por render um só es-  
talo fulminante, e dizia mesmo que, à falta d'elles,  
recorrerá-se às cabegas de phosphorus ! As cousas  
estão feias ! Não sei onde isto irá parar.*

Larguei o grupo e ao encaminhar-me para outro,  
on te provavelmente se tratava do mesmo assumpto.

A VIDA FLAMINENSE

Bancos Ferry ou los días amarillentos de un Flan



A polícia não quer que sejam emitidas licenças de vales perdião...  
Mas era um medidão muito concreta..... para mim.

Gordem! ..... Gordem!!



Tudo é uma nova sistemá de dandogos involuntários, que nem  
interessa. Oh, yes!

Cochete de Tilbury de S. Domingo carregou mim em triunfo!  
Vay well! Min não consegue tá coid a meu honte fluminense.



Gó damned! Todo o fumo caiu no agua, e mim fico sumando!

Ah! Tanto enxipismo! Min assassinio nisso é tanto  
de desespero! ..... Nô, no assassinio! É molar vos  
almofada primeiro... é deposit!... ah! deposit vos jenta!

Oh, yes!

A VIDA FLUMINENSE



O POLVO JOURNALISTICO



O Gymnasio em viagem para S. Paulo

Ô nariz do Marinheiro não cabe na caixa; não há remedio senão deixá-lo na corte!...

sentí o contacto da certa mão vigorosa, que me agarrou no braço esquerdo. Voltei-me.... e dei com a Hermann.

« Tu aqui! meu amigo?

« Skio! Não falles no meu nome. Acabo de fazer uma grande descoberta e rendo exploral-a no Brasil. Um processo excessivamente engenhoso e simples faz culta ao homem a separação da matéria, deixando o espírito isolado. O que está pois diante de ti é o meu espírito tão sómente: o corpo está bem longe, e só ficarás visível quando começarem minhas experiências perante o público. Não digno nada por ora a meu respeito: quero que a surpresa seja completa. Responda agora: — O que se trama por aqui? Ouço falar em artifícios de estilos, em panteau estrondosa....

Sinto desejos de divertir-me com toda esta gente.

Está decidido: vais ver mosquitos por cordas.»

Nisto, largou-me o braço, e sumiu-se. Por onde? Nem ou mesmo o sei.

Pliqui pateti. Vira-o: sente-lhe a força muscular; e o maganho falleva-mo d'espíritos....

Entrei na sala.

O intermeio corria placido sem presogiar, mesmo do leve, à tempestade, que se approximava.

Conseguiu as Noces de Jeannette. O mesmo silêncio. Entrou a Dauran. Bravos, unanimis: flor aos milheiros, coroas luxuriosas e nem o menor ruidz desaprovador.

A transformação fôr rapida e completa. Os cem amantes, que levavam as algibeiras atulhadas de estilos, e as bolas cheinadas de ferro, só chegar o momento decisivo, encontrarão os pés collados ás tabas da galeria, e os bolsos completamente vazios. Em lugar da mstreia reprovadora só virão a ser laço montanhas de flores víscosas, que ombalhavão os arcos; e como tinhão sido pagos para faser bulha dura palmas e atrairão os remalhetes no palco.

Era bem o caso de dizer-se: « Voltou-se a felicidade o faiçiceiro.» E nunca o riso teria sido mais bem aplaudido.

« Vê poia o leitor que tão monit dinanzi-lho: que Hermann está entre nós: se o corpo ou espírito isso é que não ouso mais afirmar: se bem que aquella não nervosa....

« *última hora*. — Encontro n'este momento o nosso homen-mão da Guarda: « *Então virá a ésprito*!»

« Sempre, meu amigo, respondeu.

« *Onde estiveste metido naquella noite da malograda patacula?*

« *Nos olhos da Dauran. Escolhi aquelle ponto estratégico para operar os milagres, que presencieiste.*»

Dito isto, saíou-se.

### Um pauscelo no Jardim

PELO

DR. MOÇO BONITO

V

(Continuação)

Na occasião em que Roberto gravava na palmeira un — G — bem expressivo, a família Ambrosio ia em marcha por essa rua fura. O velho, por prudencia, arregassaria as ralpas, que já erão um tanto curtas e deixava ver as pontas do um formidável lenço de tabaco, de cintos retinheiros, que pendia-lhe do bolso.

Brigida não cabia em si de alegria, regozijava-se como a maroto do realuga e de quando em vez dava horrendo sorriso, que descontumava-lhe o horripilante rosto! Josepha seismava....

Guilhermina, olhava de furtinhos, para o caminho e vencido e não perdia de vista Roberto, o maganho.

Purça associava-se aos irmãos, que apoiavão carreiras e sumihi-se quasi sempre para reassarem grilando, como possessos!

Ambrosio approximou-se de Brigida e disse-lhe entre dentes:

— Oh, mulher! Parece que a nossa Guilhermina está cahida pelo rapaz!

— « Ora... só os teus olhos...»

— « Que vem mais que os teus?» — ratorquio-lhe o marido — « Andá namoro por aqui e cuidado com os marcecos!»

— « Chi!... como vem correndo o Sr. Roberto!» exclama Josepha. « Olhem, virão o que traz no mão.»

Era com efeito o nosso herói, que trazia uma pequena cobra, vítima do seu canivete.

Que alorgo!

— « Ai! ai! ai! uma cobra!» grita Guilhermina toda assanhada.

— « U! pelo amor de Deus, Sr. Roberto!» disse Josipus arredando-se logo.

— « Uma cobra, manos!» grita Purça e os rapazes correrão á uns.

— « Terribel bicho, Sr. Roberto, proforo Ambrosio, felicito-o pelo seu coragem!»

— « Não se cheguem meninos; cuidado!» falou Brigida.

— Como matou?

— Com este canivete,

— Safa! é de pomar!

A cobra, que Roberto ainda tinha na mão e que não estava de todo morta, fez um movimento.

Josepha que olhava do porto, deu tal salto, que escorregiu-se o pé n'uma rágua de lama. Dous sepos solidariamente boquiabertos a dizer á de que perturbava-lhes o esclar profundo o tiverão o dia de dispersar entre gritos e risadas a amurel compantia!

Josephina deitou a correr e mostrou uma perna ainda mais gorda e capaz de causar inveja á do Anjo da Meia-Noite da taboleta da praça da Constituição!

Guilhermina, que era uscera e viseira os sabia tirar partido de tudo, conservou-se em ultimo lugar e encurtando o passo perguntou a Roberto :

— O que estava fazendo?  
— Gravava seu nome.  
— Meu nome?  
— Sim! Na palmeira!  
— Ora isto! Se papai vê?  
— Ora... eu gosto tanto da senhora!  
— Pois eu...

E não pôde terminar a phrase, porque Ambrosio foi-lhe logo an queleos :

— Salte para a frente, senhora fingida! Pensa que não vejo? Ora... ora... eu bem dizia á mulher!

Roberto, como lhe, fingiu não ouvir a repremenda do velho, fez-se rubro e recuou parte da camionagem da rapariga.

Passado que foi esse primeiro acesso, o pobre Ambrosio tornou-se o velho folgazão que conhecemos.

Se o leitor seguiria a família Ambrosio ao mais 10 minutos, ve-la-hia approximar-se de uma touceira de bambus, cuja sombra agradável estendendo-se pela grama transpunha um regato e ia perder a intensidade já no meio da vereda. Não podia ter escolhido melhor posição: canudos ou não, o certo é que ali sentariam-se todos: ... sub tegmine fagi — o Ambrosio, apoligista consummada do bom estar e da comodidade, estendeu-se logo a fio comprido, cobriu o rosto com um lenço branco, que faria honra ao mais astuto *pu-gium* e começou a ressonar a somno suilo. O que mais querido os gamorados? Dormir a caga, nem con-vinha assustá-la!

Assim foi que continuaram as intermináveis olhadelas, e a manha, como boa mãe que era, dizia lá de si para si:

— «Ora... todos nós passamos por isto!»  
E deixou-as passar por tudo aquilo!

Josephina mordia-se com a ausência de Arthur e os irmãos eram bastante crengas para se ocuparem com coisas sérias; pulavão, saltavão, ou jogavão o sócio.

Onamorou-tomou proporções gigantescas; houve n'esse dia a primeira promessa.

— Olhe, Sr. Roberto; o senhor promete-me nunca mais escrever á Chiquinha, dizer-lhe que ela é fura, desdentada e desembalada; que o senhor não se importe mais com ela?

— Digo tudo, D. Guilhermina; que mais quer?

— Promete?

— Ora... a senhora já começa com historias!

— Jura?

— Olha... juro!

E o gaial fez, como os meninos, uma cruz de dedos e beijou-a jurando!

De repente ouviu-se quasi baixinho:

— E em juro morrer pelos olhos do D. Josephal!

A moça estremeceu; voltou-se subitamente e deu com o rosto risonhão de Arthur.

Sorriu corando.

A velha fingiu que matava uma pulga.

E Ambrosio soltou um formidável espirro.

{Continua.}

## VARIÉDADE

### Marca de ferro em braza

(JAMBICOS)

Plagiario grosseiro,—mau copista,

Pirata literario;

Animal da mentira e da protervia,

Bohemio do scenario!

Basta de embustes!...—O talento nunca

Dispensa a proibido!

E a mula que estes jambicos escando

Sempre amou a verdade!

Basta de embustes!—Fajo, cumpro a sina

Fatal que te acompanhá!

Vago, raioso cão de piano em piano

De montanha em montanha!

Engolfa-te na lama o na impureza!

Saciá-te,—materia!

Cospe, que importa aos homens que te pisão,

A hova deletaria!

A mão da Providencia em ti prossinto!

Creature assim,

Deos arranjou á terra árdo os crimes

Dos filhos de Caïm!

Vivos castigos! Latigos ardentes!

Instrumentos fatais!

Vivem de morte, covão de opprobrio,

Aos demônios—igues!

Vai! novos seres necessitãoinda

Sous erros exiar...

A voz do archanjo brada-te aos ouvidos:

— Caminhar! Caminhar!

Sim, caminhar!—Um dia estas palavras

Disse o presenteira,

Musa que hoje enlamea, bates, mordes

Oh! vibora rasteira!

Palmas, rosas então fatus píssavas!

Um povo de pestas

Saudava-te, estendendo-te nos hombros

O manto dos prophetas!

E pisaste também sem dô, sem crengas

Esse povo feliz!

Judas!... Quantos dinheiros recebeste?

Dize! A mula é juiz!

Vai! Olar, a cabana, o santuario,

A família, o olar,

Tremem!... Os libérinos se engrinaldão,

Exulta o lpanar!

Vai, enta vil!—cimento do impurezas,

Misto de lama o fel!...

Vai! Teu anjo da guarda ora o soluça

De Deos junto ao docel!



STEEPLE-CHASE DE ENTREIROS A PORTO NOVO DO CUNHA

Ao lusco fuso, o conde do Pappenheim apresentou-se em trajes de batalha, de espada ao lado, punhal à cinta, o couraça. Mestre Hans estava também armado dos pés à cabeça, mas um tanto pálido.

O filalgo alemão levou aos lábios um apito de prata e d'ele arrancou um som agudo. As portas das estrebarias abrir-se-ão e daria passagem a cincuenta homens a cavalo, os quais se formarão silenciosamente em linha.

— Cincuenta! disse a meia voz Armando, que julgava que ia lutar só contra vinte.

Era claro que Pappenheim tinha aumentado seu bando com trinta aventureiros decididos, e que esses trinta bandidos haviam entrado surpreendentemente, à noite, no castello. A luta mudava de face; o conde alemão punha a descoberto seus recursos. Su a gente de Jacobus, prevenida por algum mensageiro secreto, se apresentasse, tornava-se certo o sucesso de luta.

Armando achou que era mais prudente precipitar o momento, para não dar tempo à chegada de novos reforços para o inimigo, e por isso saíu de seu posto de observação e aproximou-se dos cavaleiros. Ao vê-los, Pappenheim carregou o sobr'olho. Armando perguntou-lhe com calma:

— Já de pé?

— Já! Vou cagar uma corga e espero meus malteiros! respondeu Godofredo com um singular sorriso.

— Se elles vem comandados pelo capitão Jacobus, como presumo, não os espero, retorquiu Armando sem precalmo.

Pappenheim empalideceu o fitou o joven Da La Guerche. Mestre Hans tremia como varas verdes e procurava esconder-se por detrás do seu amo.

— Conhece outão o capitão Jacobus?

— Alguma cousa; creio mesmo que seus soldados estão neste momento seu chefe, respondeu Armando.

— Ah!

— Encontroi-o ha dias, e desla logo não teve elle mais ensoço de ver as luzes, que o Sr. conde accendo à noite na sua janella.

Reinaldo, que estava escondido a pequena distancia, não pôde conter-se mais e exclamou mostrando-se:

— Tanto é verdade, que o valente capitão acha-se agora em minha casa, na qualidade de hospedão. Dei-lhe um quarto minuto assendo, de onde elle pôde apreciar o azul do céo, através de uma grade de ferro.

Pappenheim mordou o bigode; a colera tinha chegado ao seu auge.

— Mestre Hans! (bradou elle) Agarre aquello frangão e ponha-o na garupa do meu cavalo!

Reinaldo deu uma gorgelhada e exclamou:

— Mestre Hans!... Qual! Ele não só aterréria a terra! Bon o conhego. Mestre Hans ha de lembrar-se ainda da estalagem da naia Priscotta!

— Ah! I foço então tu i bradou o conde alemão, focheado o punho e desorregando tal murro na cara do escuriço, que o pobre Hans, perdendo o equilíbrio, tombou em terra desesbeça para baixo.

— Começa o temporal! bradou Carquefou, apresontando-se ao lado de Armando.

— Querem guerra, pelo que vejo! disse Pappenheim, erguendo a fronte aliva, e desembainhando a espada.

Seus cincuenta cavaleiros o imitaram:

— Sim, queremos guerra! vociferou Armando.

Estas palavras foram como um signal, porque surgiu logo dez homens no muro frantoro, dez outros à esquerda, mais dez à direita, e outros tantos polas portas, janellas, fossos e seteiras. Por todos os lados apareciam flanças, arrebolhes, mosquetes, punhais, machados, um círculo, em sim, de tubos negros e de lâminas brancas.

Pappenheim, com um relance d'olhos, viu tudo. Imprecações abafadas, cuja significação bem comprehenderou, sahirão do meio de sua gente.

— Bonito plano! disse o filalgo alemão, apertando convulsivamente os copos da sua espada.

— Sr. conde! disse Da La Guerche. Julgo que seria mais prudente reunear, por hoje, a sua caçada e de voltar amanhã para a Alemanha. Com tæs condições, calo-me e deixo-o em paz.

— Será isto uma ordem que me queres dar? Lembrai-vos que ainda não estou vencido.

— É apenas um conselho. Em quanto não houver effusão de sangue, sois meu hospede, hospede do Sr. de Charuailles e da Sra. do Scouvigny.

Pappenheim olhava em torno desí, como um javali, que, acocido por uma matilha, procura aberta por onde possa sairir-se. Por todos os lados via armas afiadas e caras impassíveis. Ao longo na planicie, nade: nem o brilho de um capacete, nem o pó que levantão as patas dos cavallos a galope; e a seu lado cincuenta

homens, cuja bravura e arrogância se tinham arrefrido muito sensivelmente.

Armando, conhecendo que seu contendor hesitava, adianhou-se um pouco, e abaixando a ponta da espada, disse :

— A luta não é igual, creia-me !

— Mas se quer sorriso, vamos a elo ! A França intera saherá o que fez o conde de Pappenheim, marechal hereditário do imperio d'Allemânia ! disse Reinaldo, brandindo a espada o pondo-se em guarda.

Pappenheim ergueu a mão para dar o sinal do combate, mas vendo que um círculo de ferro apertava seus soldados, e que por mais bravo que fosse não poderia vencer, embainhou febrilmente sua espada, e disse com os dentes cerrados pela raiva :

— Sr. conde De La Guerche, partirei amanhã para Allemânia.

— N'esse caso vamos almoçar ! murmurou Reinaldo tristemente.

### VIII

#### MILAFRES E PALCÔES EM VIAGEM,

Vinte e quatro horas depois d'esta scena, que podia ter tido consequencias tão terríveis, sahia uma caravana do castello da Grande Portelle. Era o conde Godofredo e sua comitiva que partiam para Allemânia. No limiar da porta, o fidalgio alemão disse a Armando :

— Ainda nos havemos encontrar um dia, Sr. De La Guerche.

— É esse o meu mais ardente desejo, Sr. marquês, respondeu Armando.

Adriana, que respirava mais livremente desde o momento em qua Pappenheim fixou a hora da sua partida, acompanhou o fidalgio até à porta do castello.

O conde Godofredo descolhou-se e comprimentando-a com muita urbanidade, disse :

— Minha senhora, até breve !

Proferindo estas palavras, Pappenheim olheu de soslaio para De La Guerche, depois beijou a mão de Adriana, ergueu a cabeça com soberba, esporeou o cavalo e desapareceu n'um turbilhão de pó.

— Posso agora dormir, disse Carquefou.

— Que pena ! suspirou Reinaldo.

Tres ou quatro dias consecutivos andou Carquefou seguindo em distancia a comitiva do fidalgio alemão,

para assegurar-se se ella sahia ou não de França. Vendo que nela mais havia que reciar da parte do arrogante Godofredo, Reinaldo entristeceu, e entrou em casa, disse polidamente ao capitão Jacobus :

— Podeis partir : não vos retenho mais.

— Estou livre ! livre em fui !

— Estaas. O diabo alemão, que vos tentava, foi-su embora.

Jacobus chegou logo a astvelas seu balteu, dizendo :

— Sr. marquez, corro à casa : comprehende o que isto quer dizer ?

— Se vai simplesmente visitar m're Euphrasia, faz bem ; se, porém, quer encontrar-se com as aves de rapina que a povoavão, se quer falar-lhes, perde seu tempo. Não encontrará ninguém !

— Meus companharios abandonaram-me então ?

— Um depois do outro. Quando os abutres não achão mais carneja n'um lugar, batem as asas em demanda do outro. Foi o que fizerão vossos fieis homens d'armas.

— Bandilhos ! exclamou Jacobus, torcendo o bigode.

— De que se queixa ? O capitão esteve ausente tanto tempo, que os coitadinhos pensaram que tivesse esticado a canella. Vi até tres chorarem de saudades ! Não lhes queria mal, capitão !

Jacobus parecia desanimado ; de repente sua physionomia expandiu-se ; uma ideia feliz parpassou pelo espírito.

— Bem ! Não irei busca-los na estalagem dos Tres Martelinhos. Conheço outros outros, onde poderei fazer optima colheita.

Reinaldo, batendo-lhe no ombro, disse :

— Vossos fieis soldados levarão tudo quanto possuir, roupas, armas, cavalos.

— E não poder vingar-me ! bradou Jacobus.

— Pago-vos perdão, capitão ; tenho lá em baixo um cavalo ensilhado que, espero, aceitaréis como lembrança das horas que passasteis em minha casa. Vossas armas estão pendentes da panoplia. Mas antes de partires, corre-me o dever de dar-vos um conselho. A polícia, tendo conhecimento de alguns peccadinhos, de que ás m'das línguas vos acusão, por em campo sua gente. Bem vódes, que uma imprudencia qualquer poderá comprometer-vos, o que será mais prudente...

Jacobus não precisou ouvir mais ; descou quatro a quatro os degraus da escada, armou-se dos pés á cabeça, pulou sobre o cavalo, e partiu a galope, dirigindo um gesto ameaçador a Reinaldo.

Reinaldo comprimentou-o sorrindo.

*(Continua).*